

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA**O DIABO ENCAIXOTADO**

Por FRANCISCA DO CARMO COSTA

**N**INGUÉM na aldeia tinha mais amigos que o Manuel, o filho da senhora Mariana.

O pequeno era muito simpático, muito explicado no falar e em tudo mostrava uma grande vivacidade.

— «Anda cá Manuel; quando vem o teu pai da América? E a tua mãe tem tido notícias dêle? Diz-me uma coisa, Manuel; o que foi o ferreiro perguntar ao senhor professor? Tu não sabes?...»

A estas perguntas das vizinhas, o Manuel mostrava-se muito contente de se ver assim tão procurado e respondia, orgulhoso, dando conta de tudo o que conseguia saber com uma viva curiosidade.

A fama do Manuel vinha, precisamente, dêste grande defeito.

O espertalhão do garoto tudo queria ouvir e saber e a todos levar novidades. Chamavam-lhe, por isto, o «Jornal da terra».

A sua grande curiosidade levava-o ainda, à feia

acção de espreitar ao buraco das fechaduras, de escutar às portas, e trepar os muros, tudo para saber o que se fazia e dizia pela aldeia.

A pobre da mãe afligia-se imenso com êste grave defeito de seu filho.

Manuel, que era muito inteligente, não estudava.

Em vez de se aplicar ao estudo, perdia muito tempo escutando conversas ou seguindo pessoas para indagar o que elas faziam. Lojas, vendas, tudo, enfim, onde houvesse ajuntamento, o prendia e lá ficava o bom do Manuel a ouvir e a dar novidades.

Não sabendo já como poderia corrigi-lo, a senhora Mariana, um dia, muito cedo, ainda o filho estava deitado, disse-lhe que ia à fonte buscar água e dirigiu-se a casa do professor, confiando-lhe o seu desgosto.

O professor, que também gostava muito do Manuel e tinha muita pena de ver a curiosidade do pequeno desviada das boas acções e do estudo, prometeu que iria fazer todo o possível para que êle entrasse no bom caminho.

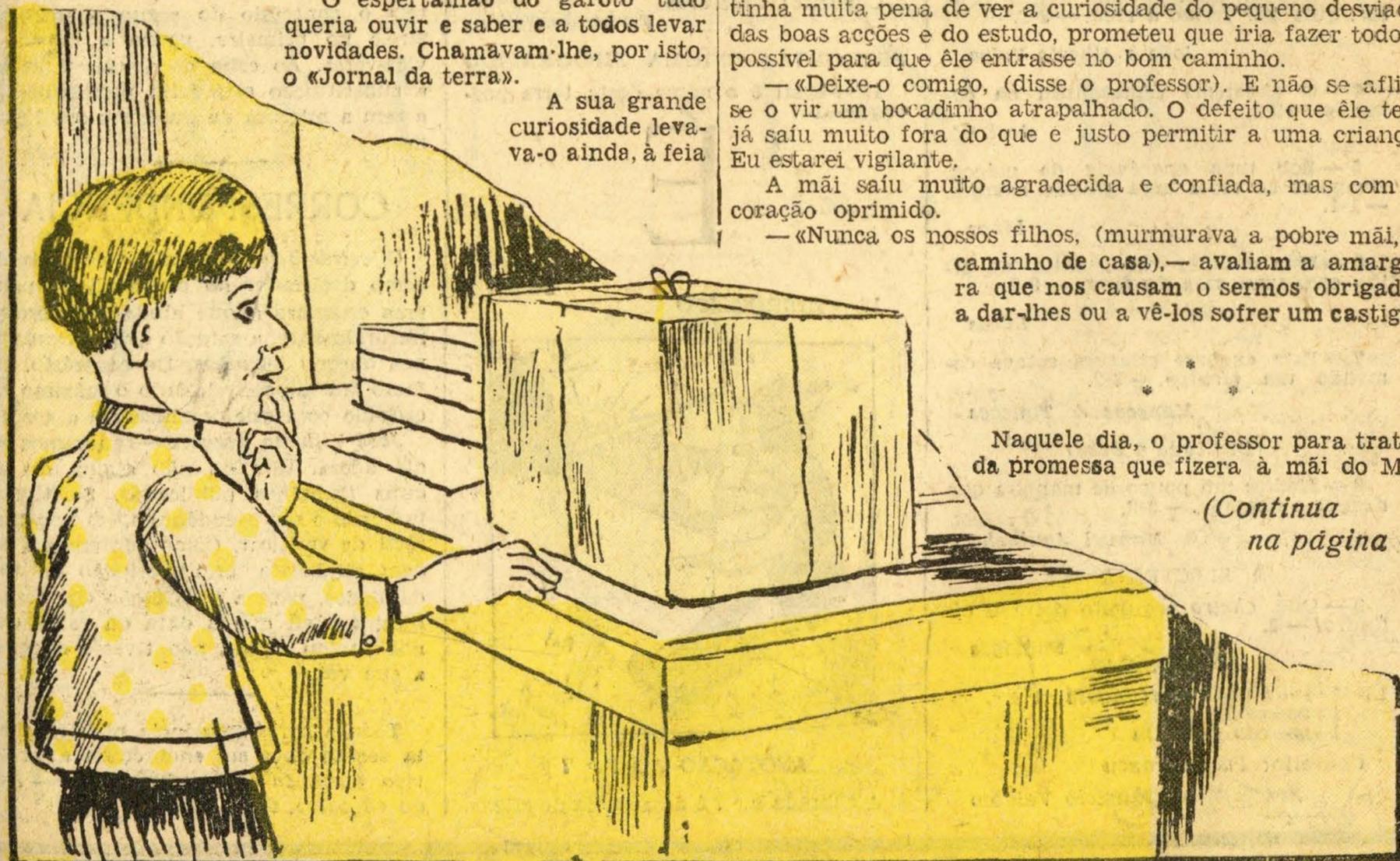
— «Deixe-o comigo, (disse o professor). E não se aflija se o vir um bocadinho atrapalhado. O defeito que êle tem já saíu muito fora do que é justo permitir a uma criança. Eu estarei vigilante.

A mãe saíu muito agradecida e confiada, mas com o coração oprimido.

— «Nunca os nossos filhos, (murmurava a pobre mãe, a caminho de casa), — avaliam a amargura que nos causam o sermos obrigadas a dar-lhes ou a vê-los sofrer um castigo!»

Naquele dia, o professor para tratar da promessa que fizera à mãe do Ma-

(Continua  
na página 4)



# Hora de Recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, JOGOS, ENGENHOCAS, ETC.

## CHARADAS—N.º 10

DECIFRAÇÃO DO N.º 5

Casar e comprar, cada um com seu igual.

DECIFRAÇÕES DO N.º 6

2 — Maldizer; 1 — Revoltador; 3 — Orangotango; 4 — Renato; 5 — Catálogo; 6 — Elogioso.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Adriano, Reis, Piruças e Tomigas.  
(Totalistas)

Oliveiraribeiro, Renato R. Paulo, e Zette, 6; Al Damei, Alfredo Matos, Almerinda Praia, Carvalho, António Freire, Celso, Jorge Pereira, Luciano Malheiro, Manecas & Tonecas, e Manuel Aguincha, 5; Homem-Sombra, 4; Zé, 3; Dário dos Santos Frazão, Emídio Matias Pinto, Lêquitas e Mizita, 1.

NOVISSIMAS

1 — Quando atirei o cascalho aos fios de trama ouviram-se grandes ruidos. — 2-2.

John Biffe (C. C. C.)

2 — Foi o homem nojento quem, com a «nota», fez a máquina destinada a produzir explosões submarinas. — 2-1.

Joviar

SINCOPADAS

3 — Aquêlê homem, por tanto pensar, quis pôr termo à vida. — 3-2.

João e Alberto Veiga

4 — O «homem» representou na comédia. — 3-2.

Joeira

5 — Sob uma aparência de mágoa, abriga-se às vezes uma grande energia. — 1-1.

Lince

6 — Esta mulher cruel batia no filho com uma viga de ferro. — 3-2.

Lucas

7 — Esta «nobre» criatura estava comendo um «fruto». — 3-2.

Manecas & Tonecas

(Dedicada a Bêbé)

8 — Medite um pouco de maneira que decifre a charada. — 3-2.

Manuel Aguincha

ELÉCTRICA

9 — Que cheiro esquisito deita o cilindro! — 2.

Fuguigas

COMBINADAS

10 — 1+to=cidade portuguesa  
1+bo=cano  
1+go=cão pernalta

Conceito: Pais europeu

Esqueleto Vaidoso

## PALAVRAS CRUZADAS

Decifração do problema n.º 5

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1		A	L	C	A	R	T	I	F	A
2	P		I	A			N	O		B
3	I	R			A	B			X	E
4	R	E		A	N	A	O		A	I
5	A		F	R	A	L	D	A		J
6	X		A	U	T	O	R	A		I
7	G	E		C	O	M	E		A	N
8	A	I		S	A				O	H
9	R		V	A			A	R		O
10			C	A	R	A	C	T	E	R

COMO SE CHAMA O HOMEM?

Cesaltino

DECIFRADORES

De ambos os problemas: — Oliveiraribeiro, Renato R. Paulo e António Freire.

Só do primeiro: — Zette, Jorge Pereira, Luciano Malheiro e Manuel Aguincha.

Só do segundo: — Tomigas e Alfredo Matos.

11 — 1+to=antiga moeda portuguesa  
1+salho=grande fatia  
1+vo=som agudo  
1+raz=«peixe».

Conceito: «Pássaro».

Fernando Felix

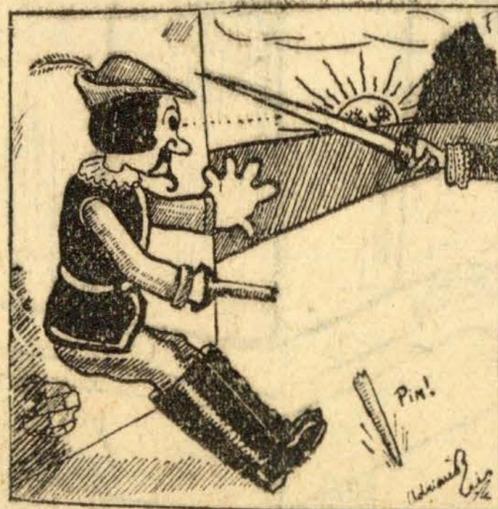
PREGUNTA — ENIGMA TIPOGRÁFICO

12 — Qual é o nome desta terra portuguesa.

É

13 — HIEROGLIFO

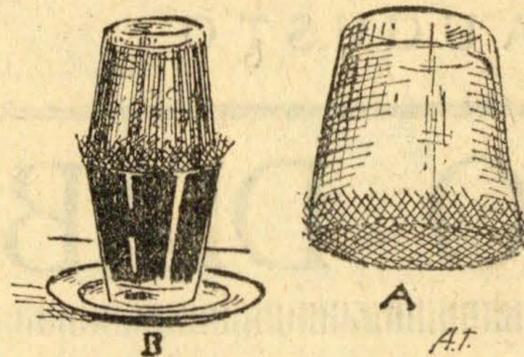
Lilicas



ANOTAÇÃO AO N.º 7

A charada n.º 7 é da autoria de «Rex».

## EXPERIÊNCIA SOBRE A DENSIDADE DOS LIQUIDOS



Aplicai sobre um copo, completamente cheio de água, um pedaço de cassa, que tereis molhado previamente. Ajustando-a bem, sobreponde a parte excedente — a que fica fora do copo — à roda dêste.

Colocai, então, bem de chapa, a mão esquerda sobre as suas bordas, pegai-lhe com a direita e voltai-o rapidamente. Deslizado com a primeira no sentido horizontal, verificareis surprêso que a cassa fica aderente ao copo sem que, por ela, se escape uma gota de água sequer.

Com o copo nessa posição (fig A) colocai-o sobre outro completamente cheio de vinho (fig. B). Imediatamente vereis o conteúdo do segundo introduzir-se no primeiro, pouco a pouco, e vice-versa. Ao cabo de alguns minutos a substituição está feita perfeitamente e sem a mistura de qualquer dos líquidos.

## CORRESPONDENCIA

Oliveiraribeiro — Se não veio incluído como decifrador do problema de palavras cruzadas a que alude, foi porque, naturalmente, a solução que enviou não nos chegou às mãos. De contrário, tal facto era impossível, dado o máximo escrúpulo com que organizamos a secção.

José Vilhena Fragoso — Ignoramos se, até agora, teve ou não algum ou alguns trabalhos publicados. Se tivesse indicado o seu pseudónimo, era-nos, isso, fácil de verificar. Como adotamos a ordem alfabética, sem distinção de modalidades, para a publicação dos trabalhos, é fácil que à data da carta que nos enviou, ainda não tivesse chegado a sua vez.

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a: Américo Taborda — «Pim-Pam-Pum» — Rua do «Século», 63 — LISBOA.

# O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

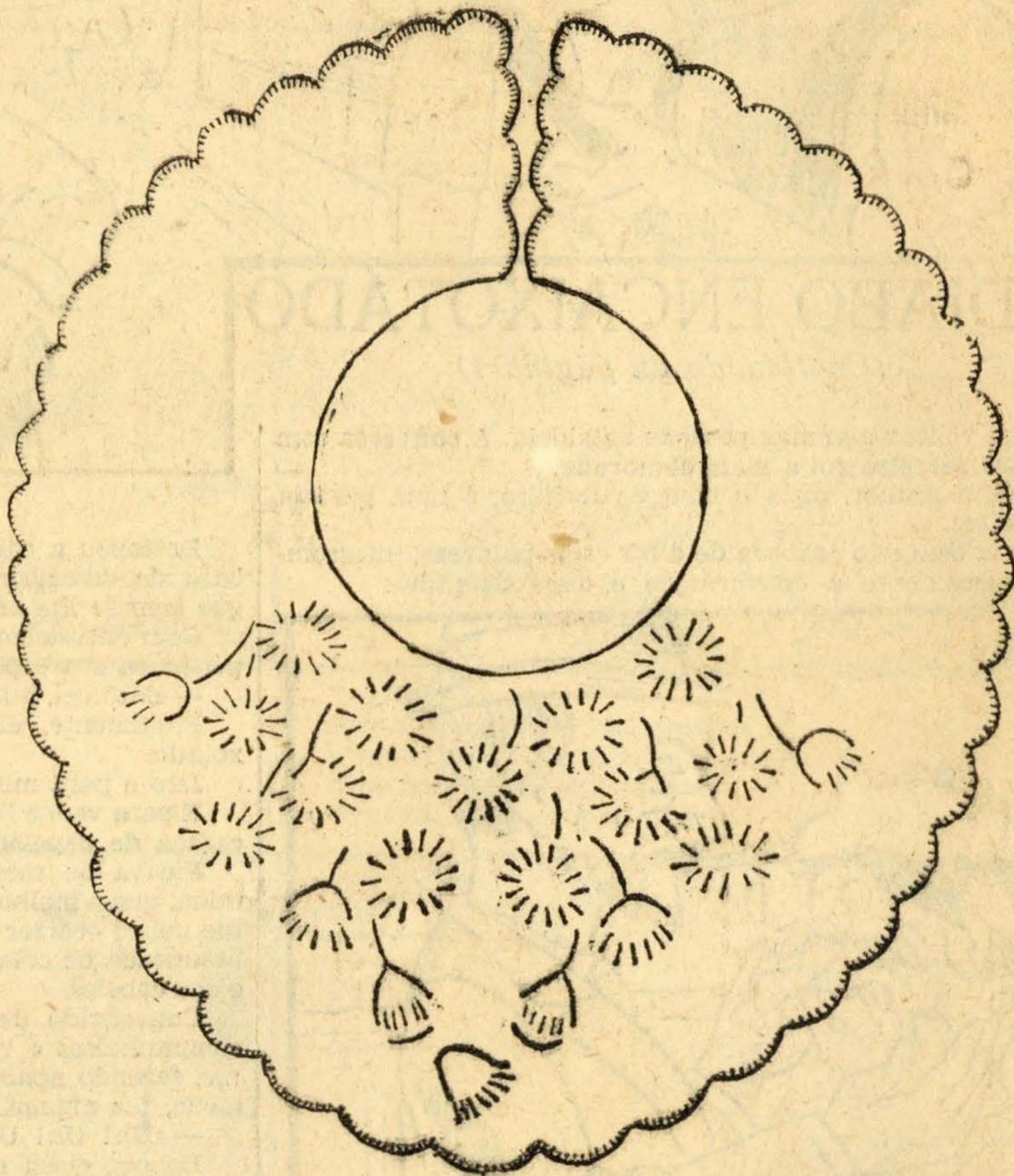
POR

ABELHA MESTRA

Prosseguindo a exposição do enxoval de boneca, pedido pelas Abelhinhas Maria do Rosário e Soledade, apresento hoje o desenho do respectivo «*babette*».

Acessível deve ser à ciência de tôdas vós, visto compôr-se, apenas, de um simples ponto de recorte e dessas exóticas flores, feitas com pontos passados como se fôsem alinhaves.

Podem fechar o «*babette*» com uma *bride* e um botão pequenino ou, então, com dois bocados de fitilho que coserão nas extremidades do decote e com o qual darão um laço.



# M O U Z I N H O

Por MANUEL FERREIRA

**O**NTEM, o Paulo veio, novamente, a minha casa para que eu lhe explicasse o que fôra a obra de Mousinho.

Comecei por dizer-lhe:

— Mousinho de Albuquerque (1855-1902), pela sua brilhante carreira de armas, impõe-se à nossa consideração, como o mais bravo militar contemporâneo. A êle se deve o possuímos ainda os nossos vastos domínios de Moçambique.

Partiu em 1895, para, nessa colônia, obrigar à obediência os régulos negros revoltados, entre os quais o célebre Gungunhana.

Deram-se façanhas gloriosas e Mousinho, sempre no seu posto, foi um chefe cheio de energia e de valor, o mais indicado nesse momento difícil,



em que Moçambique estava sendo esfacelado pelas «mangas vátuas»,

— O que são «mangas»?

— «É o nome que se dá às tropas negras — (expliquei). Mas a sua maior glória foi a prisão do Gungunhana, o poderoso imperador de Gaza.

Quando as nossas tropas chegaram a Chicomo, o régulo mandou embaixadores, propondo a paz, pagando as indemnizações de guerra e entregando alguns «sobas» rebeldes, oferecendo, ainda, valiosos presentes. Tais presentes não fôram, todavia, aceites pelos nossos, que compreenderam o plano do poderoso régulo — ganhar tempo para reunir os bandos revoltados.

Em Setembro de 1895, declarada já a guerra, começaram as caminhadas, entre lutas até Manguanhana, onde

(Continua na página 6)



## O DIABO ENCAIXOTADO

(Continuado da página 1)

nuel, foi visitar algumas pessoas da aldeia. A conversa com o mestre ferreiro foi a mais demorada.

— «Sim senhor, dizia o bom do ferreiro, é uma partida de mestre!...»

Ainda bem não acabara de dizer estas palavras, interrompeu bruscamente a conversação e disse baixinho:



— «Caluda, senhor professor! Vou ver se não estará por aí escondido nalgum cantinho o espertalhão do rapaz.»

— «Foi bem lembrado, mas desta vez o garoto não apanha esta novidade para o seu jornal. Tomei as minhas precauções» — disse o professor.

E assim foi.

No dia seguinte, com a admiração dos alunos, o professor não estava na aula. Os pequenos ocuparam os seus lugares. Um momento depois, entrava o professor com uma enorme caixa de papelão que colocou no estrado ao lado da secretária. Saúdamo os pequenos, principiou a dar-lhes a lição. Todos os alunos responderam mais ou menos bem. Só o Manuel fraquejou ao ser interrogado. A sua atenção estava completamente fora dos seus estudos. Todo êle era impaciência e curiosidade. Os seus olhos não se desviaram da caixa de papelão. Nunca ardeu em maior desejo pela chegada da hora do recreio. Quando souu a campainha, as crianças, numa revoada, saíram da sala. O primeiro foi o Manuel. Ninguém mais o viu. Os seus companheiros tinham também o desejo de saber o que conteria a caixa de papelão. Mas era uma curiosidade justa e, assim, limitaram-se, no recreio, a fazer suposições que muito os distraía.

Manuel é que se não contentou, como os seus companheiros. A curiosidade viciosa mais uma vez o mordeu. Quando ponde, e êle sabia aproveitar bem estas ocasiões, conseguiu, sem que ninguém o visse, mais uma vez, entrar na sala da aula. Rápidamente, apoderou-se da caixa.

Quási a ía rompendo. A paixão da curiosidade era tão violenta que o pequeno perdeu tóda a noção do perigo de ser descoberto.

Destapou a caixa e, então, ainda ficou mais louco. Acabara de descobrir qualquer coisa de muito extraordinário que bem se lhe afigurou ser a cabeça do diabo.

Com entusiasmo, lembrou-se de que, muitas vezes, a propósito da sua esperteza, lhe diziam:

— «Manuel, tu és o diabo!...»

Finalmente, êle acabava de encontrar o diabo encaixotado.

Isto é para mim, pensava êle!

E para ver se lhe ficava bem, enfiou pela cabeça a enorme caraça de papelão.

Ficava-lhe mesmo à justinha. Achou-a um pouco húmida, quási molhada, mas, no seu doido contentamento, não lhe ponde ocorrer que a enorme caraça estava interiormente besuntada de cola muito forte, que logo se lhe pegou à cara e aos cabelos.

Convencido de que daria uma grande risota, aos seus companheiros e vendo que no recreio não estava o professor, fazendo aparecer a «cabecourra» e, num tom de meter medo, fez algumas vezes:

— «Uh! Uh! Uh!...»

Depois, quási num salto, invadiu o pátio do recreio.

Foi como se, realmente, o diabo tivesse aparecido.

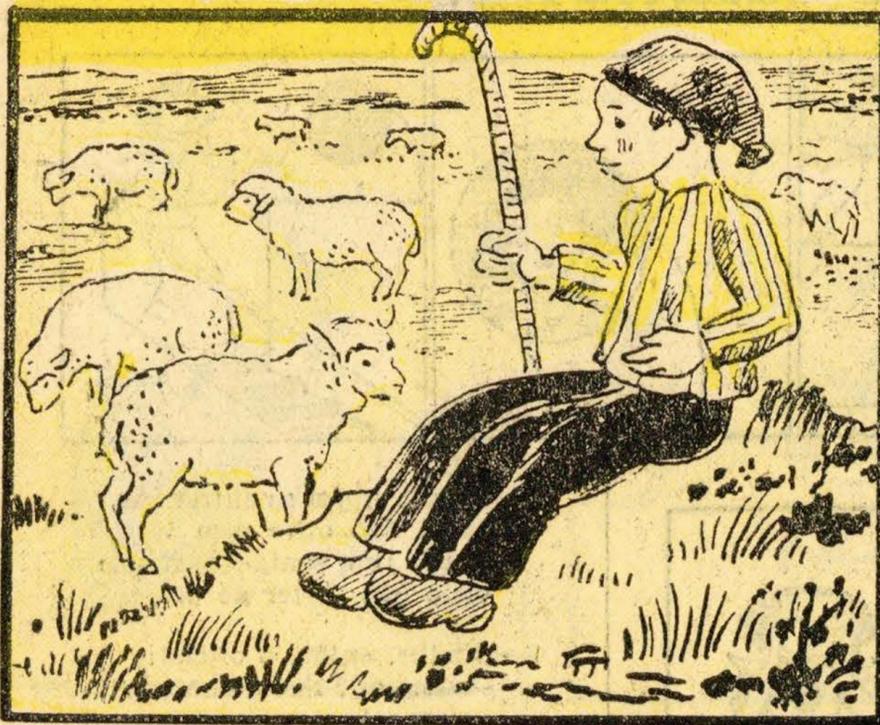
Os condiscípulos do Manuel, tomados de susto, uns abriram a porta da saída, outros pularam pelo muro do quintal e, numa correria louca, gritavam que vinha atrás deles o

diabo. Cheio de contentamento pelo resultado da sua audaciosa diabrura, metete-se a correr pelas ruas da aldeia, per-

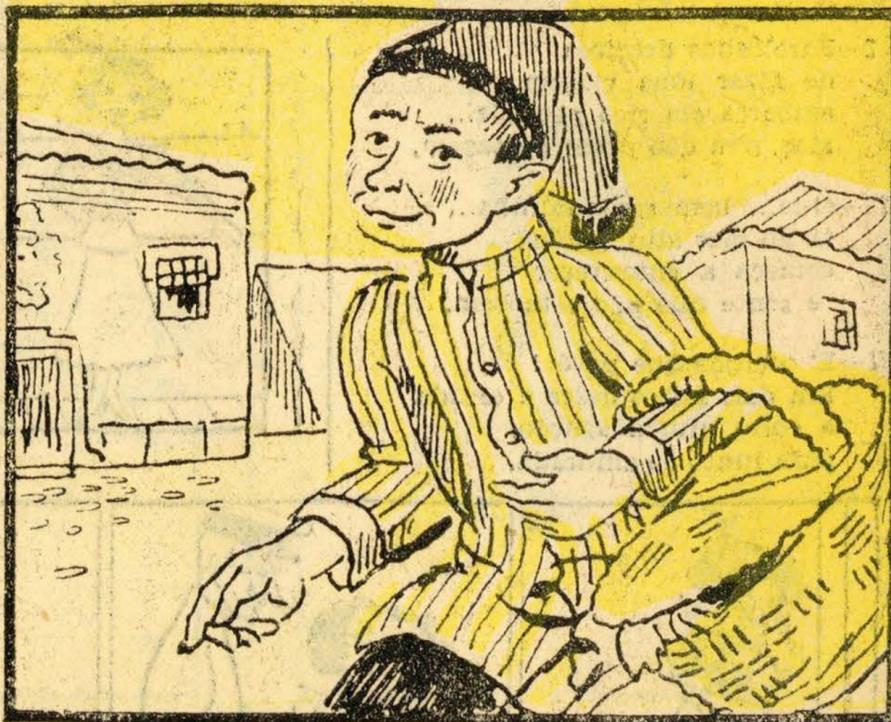


# TIPOS DA ALDEIA POR NAM

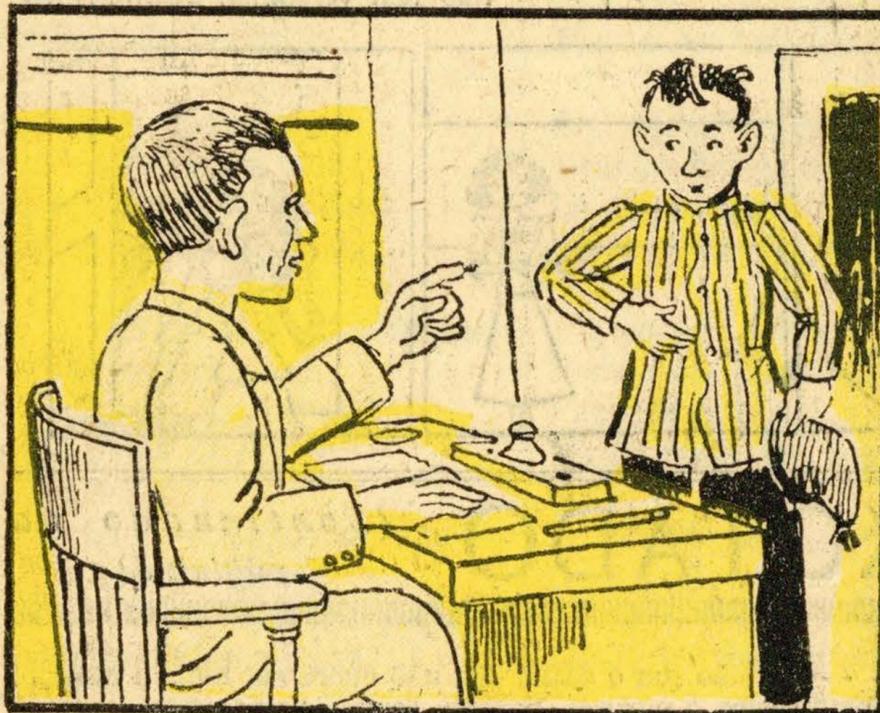
## O FAUSTINO



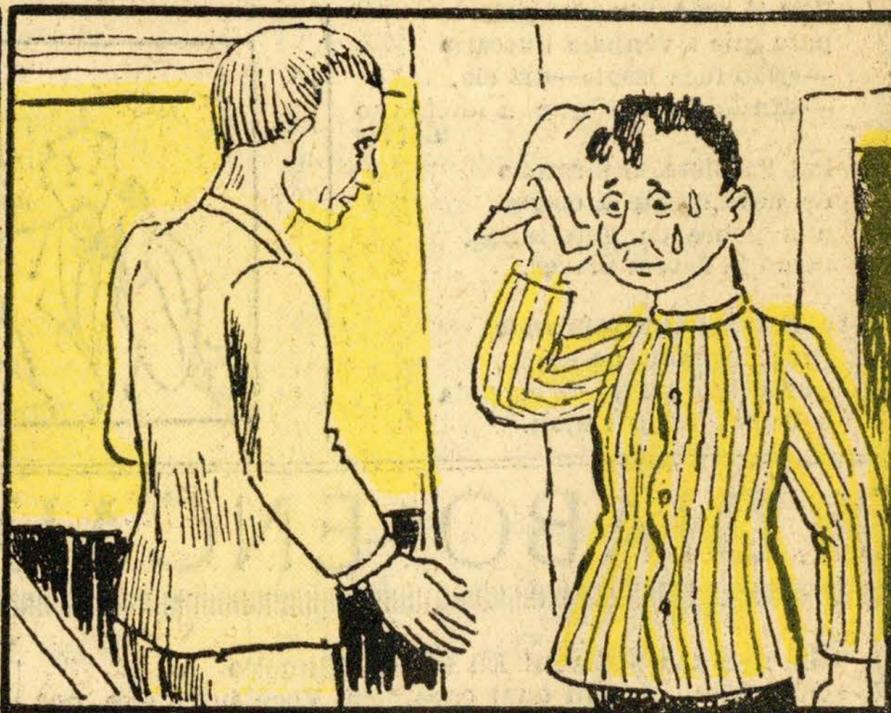
O Faustino, eis o nome dum criado de certo fidalgo cá da Beira, era um lapuz que apascentava o gado e limpava os currais e a capoeira.



Era bem diligente nos recados e tanto assim que tôda a povoação dizia ser o mais inteligente de todos os criados do patrão.



— « Faustino, — (diz-lhe um dia o seu senhor) — hoje tens de ir à Vila de Amarante... Encontro em ti um belo portador pois vinte léguas galgas num instante.»



Fez uma carta e após chama o criado... Mal qual!... O pobre bruto está distante! Todavia, alta noite, ei-lo estafado... — Onde é que estavas?!... — Venho de Amarante! »

seguindo os seus companheiros. Uns caíam, outros trepavam às árvores e todos gritavam:

— «Aí vem o diabo! Aí vem o diabo!...»

A aldeia é posta em reboição. Os cães corriam atrás da garotada. As galinhas e os galos espantavam-se e enfiavam, também numa correria doida. Dalgumas portas e janelas, pessoas a quem o professor tinha falado na véspera, gritavam também:

— «Aí vem o diabo!... Aí vem o diabo!»

Manuel, cada vez mais doido de alegria, continuava a correr pelas ruas da aldeia.

Ao passar junto da loja do ferreiro é que foi o pior. Uma

vizinha, a quem o professor também falara na véspera, sem que Manuel tivesse sabido, gritou:

— «Acuda-nos, senhor Epifânio que aí vem o diabo!...»

— «Espere aí, vizinha, que para o diabo só com um ferro em brasa.» E o ferreiro, acercando-se da forja, tirou um ferro com a ponta quási em fusão, fazendo estrelinhas e foi em perseguição do Manuel.

Ao verem o mestre ferreiro, os pequenos animaram-se, juntaram-se a êle e agora eram êles que perseguiam o diabo.

Manuel só agora, vendo o perigo, cheio de medo, começou a gritar muito aflito:

# FAROLINHAS VIAJANTE

Por MARIA DOS MILAGRES

I—Farolinhas desejava de fazer uma viagem, embarca em rico paquete... Mas, p'ra não pagar passagem,

II—ei-la... bem escondidinha... já no mar alto, porém, começa a entontecer e sente que não está bem.

III—E' o enjôo. Que pavôr! Em dois saltos desce a escada e corre, numa aflição, para junto da amurada.



IV—Vomita quâsi as entranhas, quâsi não ouve nem vê; e, por fim, senta-se exausta, visto não se ter de pé.

V—Diz-lhe, então, o oficial: —«Enjooou? Não desanime, acompanho-a num instante. Onde é a sua cabine?»

VI—Responde ela muito a mêdo: —«Sou viajante clandestina...» —«Que feia acção! — torna êle. Não tem vergonha, menina?!...»

VII—Vou já prevenir seus pais para que a vênham buscar.» —«Não faça isso!»—diz ela. —«Então quere que a deite ao mar?!»

VIII—Pai Faroleta, informado da nova, parte a correr e a pobre da Farolinhas, como já devem prever.

IX—apanhou tal reprimenda inda por cima do enjôo, que a lição serviu de emenda e nunca mais viajou.



## O DIABO ENCAIXOTADO (Continuado da página 5)

«Eu não sou o diabo! Eu sou o Manuel!»

—«Qual Manuel nem qual carapuça. Você julga que, por ser pequenino, se faz passar por um rapaz da escola? Você é um diabinho que veio à nossa aldeia para ir dizer aos outros diabos todos os nossos segredos.»

Entretanto, juntara-se gente. Os rapazes fizeram círculo. Apareceu também o professor a quem o ferreiro disse:

—«Temos nas nossas mãos um diabo. Trouxe à nossa aldeia o vício da curiosidade. Vou chamuscá-lo.»

—«Tem a certeza que é o diabo?» — disse o professor.

—«Não é verdade, seu diabinho, que você só queria saber tudo, escutar tôdas as conversas, bisbilhotar tudo o que via e ouvia? Logo você é o diabo.»

Então o pequeno, correndo para o professor, exclamou:

—«Eu não sou o diabo. Eu não quero ser mais o Manuel bisbilhoteiro e curioso. Perdão, senhor professor!»

—«Está bem, (disse o professor,) tirando a máscara aos bocados porque estava muito pegada.»

Ao verem a cara do Manuel, muito suja de cola e com bocadinhos de papelão, as crianças começaram a rir e perceberam que a maldade suja sempre uma pessoa.

O professor abraçou o Manuel e disse-lhe:

Recebeste uma grande lição e afligiste muito a tua mãe. Deves, agora, prometer diante de todos, que nunca mais serás curioso e bisbilhoteiro.

Manuel prometeu e guardou para sempre a lembrança do diabo encaixotado.

vivia o régulo, enquanto o governador António Enes orientava a campanha.

Os vátuas recebiam reforços. Os macuácas (outra raça de pretos) levantavam o pendão da revolta.

Em 4 de Novembro, Mousinho foi atacar Manjacaze. Depois de grandes caminhadas, travou-se a batalha de Coolela.

Chegaram a Manguanhana, onde se deu nova batalha. Mas, quando chegaram a Manjacaze, Gungunhana tinha fugido para Chaimite, o lugar santo dos vátuas.

—«E depois?» — perguntou Paulo, entusiasmado.

—«Esse lugar tinha uma entrada estreita. Todavia, alguns brancos, coman-

dados por Mousinho, ante milhares de negros apavorados, cercaram o lugar. Mousinho entrou e prendeu, finalmente, o Gungunhana.

E, ainda hoje, quando alguma tribo pensa em revoltar-se, logo os velhos dizem:

—«Branco tem feitiço. Gungunhana era grande... era poderoso. Mas

# CONCURSO: - Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



45

Mais um poeta, pois quem nasce  
Sôbre a terra portuguesa,  
Traz sempre dentro do peito  
Um sonho todo beleza.

Por isso êste lusitano  
Deixou tantas coisas belas  
Que o seu nome brilha mais  
Do que as rútilas estrêlas.

Desde a *Pátria* até aos *Simplex*  
Que belas fulgurações!  
É a *Morte de D. João!*?  
E as tão belas *Orações!*?

Ao princípio — sempre grande —  
Fez côro com os ateus,  
Mas converteu-se, que um poeta  
Não pode ter ódio a Deus.

E a rezar êle soltou  
O suspiro derradeiro.  
Foi um poeta extraordinário,



46

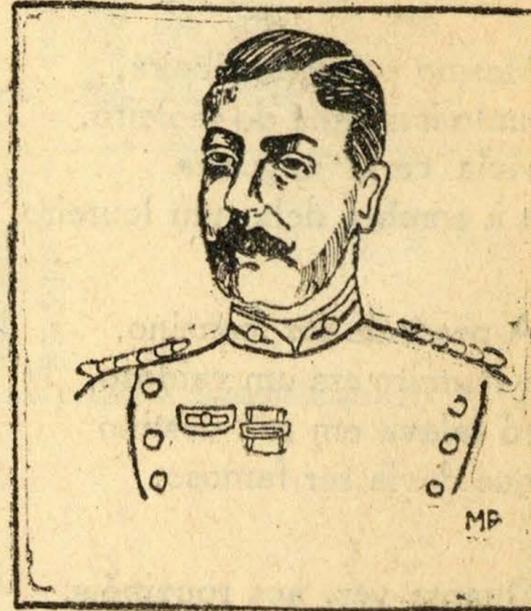
Alma ansiosa de saber,  
É um ilustre militar;  
Ei-lo que vai, certo dia,  
Terras de África explorar.

Sem temer as brutas feras  
Nem as febres nem calores,  
Lá vai andando na selva  
Entre selvagens e flores.

Viu coisas inda não vistas  
Por outros olhos humanos,  
Fazendo estudos que deram  
Maior nome aos lusitanos.

E, fazendo pasmar todos,  
Num gesto sereno e ousado,  
Foi pela África tôda  
Desde um lado a outro lado.

Ilustre, pois, não é ter  
Ouro e formosas roupagens.  
Basta o exemplo eloqüente  
Do ilustre.



47

Portugal é sempre terra  
De heróis mais que sôbre-humanos.  
Ou ela não fôsse a terra  
Dos famosos lusitanos.

Êste, em terras africanas,  
Quási que nada mais fez  
Que tornar sempre mais belo  
O bom nome português.

Não temeu as intempéries,  
Nem pensou nunca no perigo,  
Vencendo, quási sem custo,  
Quem tinha por inimigo.

E causando pasmo a tudo,  
Mesmo à terra lusitana,  
Embrenhou-se pelo mato  
E prendeu o Gungunhana.

Tudo isto para sómente  
Ilustrar o Pátrio Ninho.  
Foi grande como os antigos  
O bravo e ilustre

branco ir lá e ser mais forte do que  
êle...»

O Paulo, que ouvira, deslumbrado, a  
descrição de tão belo feito, riu-se e  
preguntou:

— «E depois?»

— «Depois, em 6 de Janeiro de 1896,  
lavrou-se o auto da entrega dos pri-  
sioneiros (Gungunhana, Zixaxa, Go-  
dide e outros) em Lourenço Marques.  
Enviado para a metrópole, os pretos  
vieram para Monsanto e daqui para a  
ilha Terceira.

Seguiu-se, depois, a campanha dos  
namarrais, em que foi batido o Ma-  
guiguana, outro potentado negro, em  
Macontene.

Em 15 de Dezembro de 1897, Mousi-  
ninho de Albuquerque entrava em Lis-  
boa, recebendo uma recepção triunfal.

E — (concluí eu) — escusado será di-  
zer-te que Mousinho figura, também,  
no concurso dos grandes de Portugal».

F I M

## ANETOTA

O pai de Carlitos deu-lhe, um dia,  
a beber, pela primeira vez, um copo de  
água de Vidago.

Carlitos bebe sôfregamente, mas, ao  
sentir o travo gazozo da água, faz  
uma careta que leva o pai a pregun-  
tar-lhe, sorrindo: — «Não gostaste?!  
A que te soube?»

— «Soube-me a pés dormentes!...»  
responde Carlitos com eloqüente inge-  
nuidade.

# A NOGUEIRA E O LOUREIRO

Por LAURA CHAVES

Mesmo perto da ribeira,  
junto à azenha do moleiro,  
vivia certa noqueira  
e à sombra dela, um loureiro.

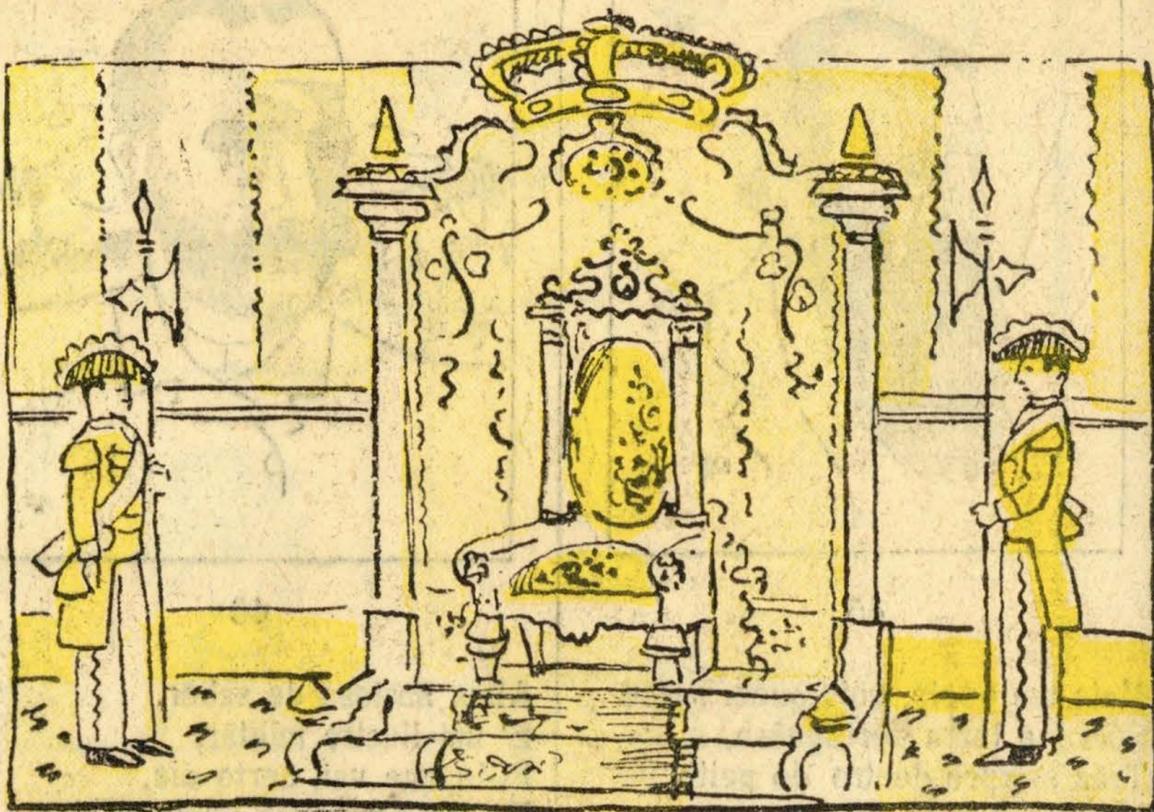
A-pesar-de ser franzino,  
o loureiro era um vaidoso,  
só falava em seu destino  
que devia ser famoso.

Quanta vez, aos rouxinóis,  
dizia, em falas vibrantes:  
— hão de galardoar heróis  
minhas fôlhas verdejantes!

Eu valho mais do que o ouro...  
fala-se de mim na história  
porque uma palma de louro  
simbolisa sempre a glória!

—Eu cá não tenho essas poses...  
pensava a noqueira, então,  
se eu nasci para dar nozes,  
não quero outra condição.

Não gosto de fazer frases,  
Cada um no seu lugar...  
Encho a barriga aos rapazes  
que mais posso desejar?



Mas, um dia, quis a sorte,  
— esta não trabalha à tôa —  
que o seu tronco velho e forte  
e a sua madeira boa,

atraíssem a atenção  
dum homem que ali passou,  
deu por ela um dinheirão,  
cortou-a e lá a levou.

— Que linda noqueira achei!  
(pensava, todo contente)...  
— Vou fazer o trono, ao rei,  
desta madeira excelente!...

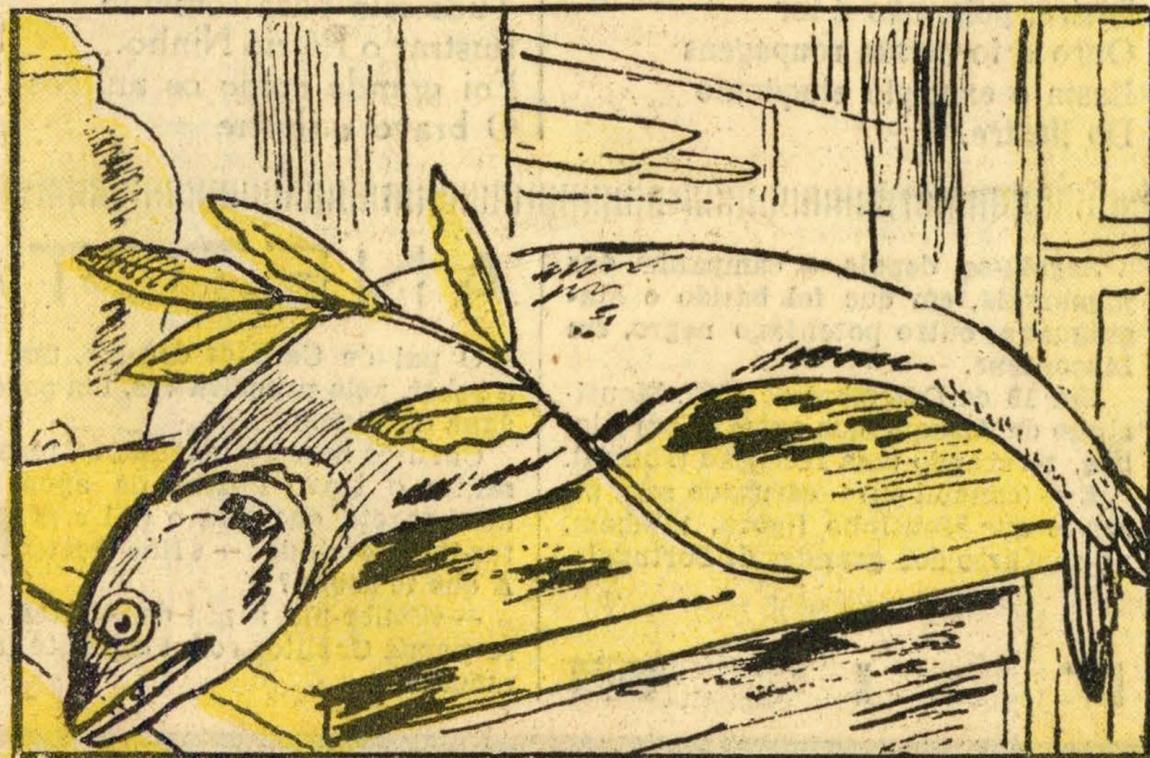
Ao passar pelo loureiro,  
umas fôlhas lhe arrancou  
e seguiu todo lampeiro...  
Quando a casa êle chegou,

entregou-as à criada,  
ordenando—que desdouro!  
— No escabeche da pescada  
deite estas fôlhas de louro.

E o toleirão do loureiro,  
que tanta vaidade tinha,  
morreu tempêro caseiro,  
*foi comido em tôda a linha.*

.....

Verdadeiro isto que eu digo:  
da sorte é bem vária a lei...  
pode um rei, morrer mendigo,  
e um pobre chegar a rei.



F

I

M